

TRÊS POEMAS DE MURILO MENDES

O ogum da Penha

O intermediário

“Eu presido ao nascimento das vitrolas

que saem dos dedos do Eco,
faço andar o mármore incandescente,

alargo a curva da onda,
preparo as sinfonias de lisol,
transporto Jacó ao seio do anjo...
Mas os pássaros do subsolo

me pedem em vão para eu desenrolar
os fios do universo:
a noite trabalha na máquina de costura,
uma nebulosa chamada Gilda, mete o pé,
as grades da farmácia se fecham em magnólia,

os órfãos esperam Deus crescer.”

O anjo de Sodoma

Quando Deus notou que o homem
nunca mais tomava pé
numa vida de virtudes,
mandou um avião voar
sobre a maldita Sodoma,
espalhando boletins
que ameaçavam a cidade
da chuva do fogo eterno.
Mal chegou no aeródromo
nem pode desembarcar,
o aviador era tão louro,
bonito, resplandecente,
não é bem homem, — mulher —,
que a turma, faminta e nua,
enrabou o aviador.*

A nebulosa de João Ternura

Atrás havia um girassol
um retrato de Trotski
1/4 de ladainha
os aviões fugiam de Lampião
as sanfonas fugiam pegando o som
e a estrela Orion de perfil

Então eu desci na ladeira do mar
conduzindo a bordo
uma avalanche de seios
perdão papai chorava.

Murilo Mendes
a Aníbal Machado
Rio 1931

* Versão familiar: desacata o aviador.